A MEMÓRIA COMO SIGNO DE UM CINEMA POLÍTICO NO VÍDEO-DOCUMENTÁRIO NAVEGAR É PRECISO

Paolo Ricardo Gutiérrez Solis
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-2977-5350
Endereço eletrônico: paoloricardogutierrezsolis@gmail.com

Milene de Cássia Silveira Gusmão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6170-9326
Endereço eletrônico:milene.gusmao@uesb.edu.br

Amanda Souza Ávila Lobo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7927-8635
Endereço eletrônico:asgavila@gmail.com

Palavras-chave: Jorge Melquisedeque, cinema, signo, duração, político

INTRODUÇÃO

Jorge Luiz Melquisedeque da Silva nasceu em Vitória da Conquista (Ba), em 23/04/1953 e faleceu em 04/11/2001, na mesma cidade. A pesquisa que realizamos sobre ele para o doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), desde 2024, revelou um personagem cuja trajetória se confunde com o desenvolvimento do próprio audiovisual da cidade. Jorge atingiu o status de realizador cinematográfico, de acordo com o mapeamento do programa Filmografia Baiana, que classificou 23 dos vídeos dele como "filmes baianos", seguindo os parâmetros da Federação Internacional de Arquivos Filmográficos (FIAF)[1]. Assim, a pergunta da pesquisa é: que cinema é esse realizado por Jorge, que está na origem da produção cinematográfica conquistense?

Forjamos, para responder a essa pergunta, uma ferramenta analítica para avaliar esse

[1] Site da Filmografia Baiana disponível em https://www.filmografiabaiana.com.br ; acesso em 09/01/2026.

audiovisual de maneira profunda. Lançando mão à linha filosófica de Henri Bergson, juntamos os fragmentos da vida de Jorge a que tivemos acesso em uma fusão, fornecendo uma imagem-duração da trajetória. Com esse prisma, avaliamos o documentário Navegar é Preciso (1998), roteirizado e dirigido por Jorge. Há uma memória atualizada nesse filme e que o torna uma expressão apreensível pela noção de "signo" de Gilles Deleuze (1985).

Esse vídeo-documentário é um relato de rotina, um dia na vida de estudantes secundaristas do município de Barra Grande, com duração de 17'38". Uma obra não-ficcional que apresenta, de forma plasmada, tomando sua imagem como um todo, a memória de seu criador. Jovens em situação de sofrimento para acessar a um direito básico – o da educação – são captados pela câmera em uma situação óptica e sonora pura[2].

Jovens em idade de formação de caráter precisam enfrentar diariamente uma travessia a barco, numa jornada na qual a vida está em risco, que começa às 4 horas da manhã e termina no fim da tarde. A trilha musical escolhida é a música Navegar é Preciso, de Caetano Veloso, do disco os Argonautas (1972). A canção é uma ode dos marinheiros que se lançavam ao mar no período das Grandes Navegações, no século XVI. É uma declaração de amor à aventura de desbravar o mar, abrindo mão da própria vida para isso[3].

Há um movimento estético na construção que Jorge imprimiu da imagem do documentário aliada à famosa música da MPB. É assim que esse vídeo se torna um cinema político, por via de um signo em que sua imagem vale por uma virtualidade, uma memória em especial retida no espírito de seu criador e que se atualiza no documentário.

METODOLOGIA

A metodologia seguida no trabalho visa a um levantamento da vida de Jorge, fundindo seus fragmentos em uma imagem da "sua" duração e daí conseguirmos entender como seu espírito vibrou as decisões e as qualidades dos atos que constituíram os 23 filmes listados pela Filmografia Baiana. A duração no sentido que Bergson nos ensina:

[2] Quando parafraseia uma fala de Goddard, Deleuze (1985, p. 249) diz que o "homem está no mundo como em uma situação óptica e sonora pura" e que é o mundo à sua volta que se torna cinema vivendo um "roteiro ruim". A sociedade oferece um fluxo de obrigações morais que estão na contramão da vida, a qual, em seu estado puro, sem representações que a deturpem, é a própria situação óptica e sonora pura. O filme de Jorge traz uma realidade desprovida da representação hegemônica, nos leva aos dados imediatos da situação que retrata, fugindo das imagens que o meio social faz dela – preconceito, lógica lucrativa (pela qual o tema nem seria pauta), algo digno de silêncio e esquecimento.

[3] Maria Betânia pediu a Caetano que fizesse uma música com o refrão "Navegar é preciso, viver não é preciso", que ela tinha visto em um poema de Fernando Pessoa. O poeta atribuiu os dizeres aos Argonautas, da mitologia grega, o que inspirou o nome do álbum em que Caetano lançou a música.

> A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e que incha ao avançar. Uma vez que o passado aumenta incessantemente, também se conserva indefinidamente. A memória, como procuramos prová-lo, não é uma faculdade de classificar recordações em uma gaveta ou de inscrevê-las em um registro. Não há registro, não há gaveta, não há aqui, propriamente falando, sequer uma faculdade, pois uma faculdade se exerce intermitentemente, quando quer ou quando pode, ao passo que o amontoamento do passado sobre o passado prossegue sem trégua. Na verdade, o passado conserva-se por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá juntar-se, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo para fora. (Bergson, 2005, p. 5).

Bergson ainda dirá que "é com nosso passado inteiro, inclusive nossa curvatura de alma original, que desejamos, queremos, agimos", em que pese que "apenas uma diminuta parte" dessa memória por inteiro "se torne representação" (Bergson, 2005, p. 6). Isso significa que nossa memória, mesmo nos eventos não diretamente relacionados às ações que fazemos, atualiza-se naquilo que fazemos. Destarte, a produção audiovisual é um ponto de convergência do todo das memórias de quem realiza essa produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fazendo uso deste fato, podemos usar a imagem da duração em análise para compreender o conteúdo dos filmes de Jorge. Fragmentos da vida dele, quando justapostos e interpenetrados (que é a maneira como eles se apresentam na duração), comprovam que Glauber Rocha é uma influência marcante para ele. Maria Onorina Bitecourt Soares (Nora), fala que por volta de 1996, Jorge solicitou da equipe do Tela Viva[4] que fizesse uma matéria nas ruas do centro de Vitória da Conquista, perguntando aos transeuntes se conheciam quem era Glauber Rocha[5]. Ninguém soube responder, o que fez com que Jorge visse a necessidade de criar um vínculo entre a cidade e o cineasta. Esmon Primo foi até o Rio de Janeiro procurar junto ao Tempo Glauber pessoas que pudessem vir até a Uesb para dar uma palestra sobre o tema. Ivana Bentes e Wally Salomão foram duas das presenças ilustres no primeiro Seminário sobre Glauber Rocha[6].

[4] Primeiro programa de TV feito e veiculado na Uesb, fundado por Jorge e seu grupo em 1994. Nora trabalhava na produção e pauta do programa.
[5] O trecho específico a partir dos 16'30" da entrevista que ela nos concedeu em 17/01/2026.
[6] Aos 15'00" da entrevista com Nora. O Seminário em questão foi realizado em 1997 por mobilização de Jorge. O museu em questão se chamava "Museu Kaza Glauber de Cinema", de acordo com uma carta que Jorge fez à época visando ser lida para o governador da Bahia (à época César Borges) na inauguração.

Esmon cita que houve tentativa de transformar a casa em que Glauber morou na cidade num museu[7] . E vimos na Folha de Cinema, Ano I, nº 9, o anúncio da sessão do Janela Indiscreta[8] de 12 de fevereiro de 1993, com o filme Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964). Deleuze diz que Glauber fez um cinema do Terceiro Mundo que constrói "um agenciamento que reúna partes reais, para fazê-las produzir enunciados coletivos, como prefiguração do povo que falta" (Deleuze, 1985, p. 324). Glauber teria destruído "por dentro" mitos "a serviço do colonizador" - mitos internos esses que se "tornaram entidades impessoais" dessa colonização (Deleuze, 1985, p. 320). Glauber é da seara de um "cinema político moderno" (Deleuze, 1985, p. 316).

No documentário Navegar é preciso, aparece um dia na vida de adolescentes da cidade de Barra Grande, que precisavam acordar de madrugada e perder um terço de seus dias em uma travessia a barco para poderem estudar. Ao produzir um audiovisual com essa pauta, não está Jorge colocando na tela exatamente esse "povo que falta"? E não há aqui a memória de uma influência atualizando-se, por esta via, num cinema que contrapõe uma mentalidade hegemônica do meio social, colonizada e colonizadora? Sim, e isso abre caminho para uma conclusão inédita sobre o trabalho de Jorge.

COONCLUSÕES

Não se trata de dizer que Jorge produziu uma imagem direta do tempo, como Deleuze (1985) coloca em sua obra. Mas sim que pela atualização da influência de Glauber Rocha, revelada na análise de duração para compreender a temática do vídeo-filme Navegar é preciso, Jorge chegou a um cinema político moderno por uma via não-ficcional. Há um signo criado por Jorge e seu grupo ao conceber esta obra, isto é, a imagem do documentário equivale a uma ideia "glauberiana" que provém da atualização da forte influência de Glauber Rocha na formação audiovisual de Jorge.

E, nesse sentido, o documentário apresenta uma imagem contra-hegemônica ao ter como personagens centrais da obra exatamente o "povo que falta", aquele que está apartado do próprio direito de existir. A necessidade do meio social em negar esse direito é um dos mitos colonizadores, e, ao ser exibido, Navegar é preciso acaba por combater essa

[7] Aos 27'45" da entrevista que Esmon, amigo próximo de Jorge e parceiro nas iniciativas realizadas por ele na Uesb, desde 1989, nos concedeu em 05/04/2025.

[8] Programa fundado por Jorge e Esmon em 1992, que consistia inicialmente em um cineclube dentro da universidade e que depois foi expandindo sua atuação em outras iniciativas relacionadas à atividade cineclubista.

mentalidade. Desvelar com mais profundidade a natureza deste signo de memória é, sem dúvida, o próximo passo da nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**, trad. Bento Prado Neto, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2 - A Imagem-Tempo**, 1.ed. trad. Stella Senra. Lés Éditions de Minuit, Paris, 1985, São Paulo, Editora 34, 2018.

Periódico

PRIMO, Esmon. Folha de Cinema, número 9, ano I, Janela Indiscreta Cine-vídeo Uesb, Vitória da Conquista, janeiro de 1993.

Site

Filmografia Baiana; disponível em https://www.filmografiabaiana.com.br ; acesso em 09/01/2026.

Vídeo:

[Doc] Navegar é preciso (maio 1998) & Navegar será, de fato, preciso?, canal, The9Maximum, postado em 16 de mai. de 2013; disponível em https://www.youtube.com/watch?v=3hgvU7kSQ68&pp=ygUmTmF2ZWdhciDDqSBQcmVjaXNvIEpvcmdlIE1lbHF1aXNlZGVxdWU%3D; acesso em 22/04/2026.